

O Lugar e as Especificidades das Hipóteses nas Pesquisas em Ciências Humanas

The Lieu and the Specificities of the Hypotheses in the Human Sciences Researches

BARROS, José d'Assunção. **As hipóteses nas ciências humanas: aspectos metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2017. 80p.

Camila Ferreira da Silva¹
Rodrigo de Macedo Lopes²

Os processos de autonomização das áreas do conhecimento, no contexto acadêmico universitário, vêm ocorrendo em paralelo com o exercício de autorreflexão do campo científico. Isto significa afirmar que ao passo que as ciências foram estabelecendo suas especificidades, seus limites e se consolidando como um espaço acadêmico específico – dotadas de epistemologias, objetos e arcabouços teórico-metodológicos próprios –, foram também construindo um pensamento acerca do ofício do pesquisador. No âmbito das Ciências Humanas são algumas obras clássicas responsáveis aqui por ilustrar este movimento: *As regras do método sociológico* de Émile Durkheim (1999); *Os Problemas da Filosofia* de Bertrand Russell (2008); *Apologia da História ou O Ofício de Historiador* de Marc Bloch (2001); *Ciências da Educação* de Gaston Mialaret (1980).

¹ Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Nova de Lisboa (Bolsa Erasmus Mundus). Pesquisadora na Unidade de Investigação Educação e Desenvolvimento da Universidade Nova de Lisboa (UNL, Lisboa, Portugal). E-mail: ferreira.camilasilva@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2348-9350>.

² Doutorando em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil). E-mail: rlopes9@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7047-4530>.

O “como fazer” ganhou, pois, espaço tanto no estabelecimento de normas, regras, valores, costumes, uma ética, ou seja, em um *ethos* comum global (BOURDIEU, 2001; HEY, 2008; MEUCCI, 2009) para os sujeitos que participam de determinado espaço acadêmico, quanto na formação dos novos quadros de pesquisadores para este mesmo espaço. Nesse sentido, para além das obras clássicas supracitadas, o cenário acadêmico foi ficando cada vez mais repleto de ensaios, livros e manuais preocupados em discutir questões que atravessam as questões de naturezas epistemológica, teórica e metodológica do trabalho científico.

É este o contexto que possibilita a emergência de um debate progressivamente onipresente em torno da construção de uma pesquisa em Ciências Humanas e, especialmente, em torno da elaboração de um projeto basilar. Destarte, este contexto também nos auxilia a compreender a inclinação de José d’Assunção Barros para tratar dos aspectos metodológicos que marcam as pesquisas neste domínio do conhecimento. A que se propõe, então, sua mais recente obra *As hipóteses nas Ciências Humanas: aspectos metodológicos?* Quais as contribuições que este livro traz para o debate metodológico no Brasil? Qual o lugar das hipóteses no ofício do pesquisador das Ciências Humanas? Estas são, portanto, as questões que fundamentam esta resenha crítica.

José d’Assunção Barros é graduado em Música e em História, com mestrado e doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), e atualmente é professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Em sua atuação profissional de docente e investigador temos assistido à promoção de um diálogo bastante profícuo entre estas duas áreas desde o final da década de 1980, com interseções sobretudo em História Cultural, Cinema-História e História da Arte. Sem abandonar este cruzamento, os anos 2000 indicam-nos uma viragem em seus interesses e seus projetos de pesquisa e publicações passam a objetivar temas como Historiografia, Teoria e Metodologia da História. Sua formação híbrida e sua produção pujante quanti e qualitativamente têm lhe rendido atenção do público leitor no Brasil, em especial dos acadêmicos das Ciências Humanas e Sociais – um exemplo do seu alcance é o número de citações que seus livros e artigos apresentam, que somam no total mais de 2.500 citações, sendo aproximadamente 65% delas datadas de 2013 até o momento.

Nesse contexto, o livro *As hipóteses nas Ciências Humanas: aspectos metodológicos* está situado em um momento bastante maduro da carreira de

José d'Assunção Barros, no qual sua obra interroga o trabalho científico propriamente dito no âmbito da História e das Ciências Humanas. O livro é dividido em nove partes, as quais oscilam entre a discussão epistemológica e teórica em torno das hipóteses, de um lado, e a apresentação e argumentação em torno de exemplos que o autor elege como pontos de interseção entre teoria e prática, de outro. Este movimento acaba por conferir fluidez ao texto e permite ao leitor apropriar-se do debate de modo relacional, ou seja: permite que não se perca de vista que a hipótese carrega consigo concomitantemente elementos de fundamentação teórica e elementos de fundamentação prática, além de permitir um interrogar constante destes dois polos.

Ainda sobre as partes do livro, ressalta-se que os títulos que tais partes recebem expressam não somente os caminhos que a obra percorre, mas, sobretudo, o posicionamento do autor frente a debates seculares no âmbito da relação entre teoria e metodologia. Tratemos brevemente destas seções com vistas a desenhar aqui um panorama geral do livro. A primeira parte traz uma pergunta em forma de título – *As hipóteses são mesmo necessárias?* – e é responsável por inserir outras problematizações (a exemplo de “qual a importância das hipóteses para as Ciências Humanas e Sociais?”, ou ainda “como articular as hipóteses à teoria e à metodologia?”) com o intuito não de respondê-las imediatamente, mas sim de incitar o leitor a refletir sobre suas próprias concepções e práticas de pesquisa.

O leitor notará que estes questionamentos ganham espaço nas partes posteriores do livro *O caráter provisório das hipóteses e seu papel na pesquisa científica* constitui a segunda parte da obra, a qual chama atenção para a hipótese como um elemento de movimentação inicial para a pesquisa, nas palavras do autor “A hipótese tem por finalidade liberar potencialidades da pesquisa, e não engessá-la” (BARROS, 2017, p. 11), ou seja, o papel da hipótese não é antecipar resultados, e sim colocar o pesquisador em movimento. Este apelo para o “movimento”, quer dizer, para o trabalho do pesquisador propriamente dito, é aprofundado na terceira parte do livro, com o título *Sobre a constituição de um problema como ponto de partida para o processo de investigação*, José d'Assunção Barros articula o processo de construção do problema de pesquisa às hipóteses, sendo estas um recurso crucial no percurso investigativo.

As partes quarto e seis do livro, respectivamente *Funções da hipótese na pesquisa* e *A função das hipóteses no conjunto maior da ciência*, trazem uma rica discussão sobre o que uma hipótese pode proporcionar

no interior de uma pesquisa, ao passo que ratificam a interdependência entre elementos como teoria, problema, metodologia e hipótese.

Nesse sentido, o autor aponta sete funções que as hipóteses desempenham – três delas em relação com a pesquisa em particular, e quatro em relação ao desenvolvimento científico. A primeira função é norteadora e tem por finalidade apontar uma direção para a pesquisa. Esta função indica o tipo de relação que existe entre as hipóteses e os procedimentos metodológicos. A segunda função é delimitadora, ou seja, exerce papel de restringir o campo de pesquisas. Diante das opções – tanto teórico-metodológica, quanto empírica – disponíveis ao pesquisador, este aspecto das hipóteses busca dialogar e, por vezes, ajudar a desenhar o recorte do problema de pesquisa. Na última função relacionada ao projeto de pesquisa em particular, as hipóteses propõem uma solução possível para o problema pesquisado. Esta é a função interpretativa. O autor reconhece o caráter provisório e multiparadigmático das Ciências Humanas e, nesse sentido, o quanto as hipóteses são atravessadas por isso. No entanto, isso não quer dizer que as hipóteses não possam sugerir, mesmo que provisoriamente, uma interpretação que, poderá ou não, ser somada às já disponíveis para tratar determinado problema.

As próximas quatro funções das hipóteses se relacionam com as Ciências Humanas em geral. A primeira delas, função argumentativa, se encontra numa zona intermediária entre o projeto de pesquisa particular e os conhecimentos socialmente produzidos. Pela necessidade de construir inferências, a partir do confronto entre os conhecimentos disponíveis e o objeto empírico, esta função desempenhada pelas hipóteses busca apontar para a necessidade de construção do argumento levando em consideração a demonstração lógica e verificação empírica. A função seguinte é a complementadora que indica a necessidade de preencher as lacunas nos conhecimentos disponíveis. Nas Ciências Humanas, essa função assume formatos distintos que transitam entre a complementaridade de hipóteses já disponíveis até a proposição de novos elementos para a interpretação de determinado problema. Nesse sentido, o desenvolvimento da pesquisa pode oferecer outros dados para a consideração do fenômeno estudado. Outra função da hipótese se revela pelo seu potencial de aplicabilidade a outras pesquisas, é a função multiplicadora. Aqui o aspecto que ganha relevo é a possibilidade de enriquecimento do conhecimento já disponível. Por fim, a função unificadora cujo objetivo é, como o próprio nome revela, unificar ou organizar os conhecimentos já produzidos.

Estas discussões são intercaladas por dois exemplos utilizados pelo autor para detalhar ainda mais suas colocações nas partes anteriores: a quinta parte traz o seguinte exemplo *A conquista da América: um problema e suas diversas hipóteses*; enquanto a sétima parte do livro traz *Uma hipótese sobre o crescimento das cidades*. A oitava parte do livro, *Hipóteses e formação de teorias*, em breves páginas demonstra como uma teoria pode dar origem a outras tantas teorias, por meio da incorporação de novas hipóteses ou mesmo de desdobramentos de hipóteses. A discussão nesta parte acaba por ratificar a importância das hipóteses, posto que muitas das teorias que hoje conhecemos e utilizamos certamente já ocuparam função de hipótese em pesquisas atualmente consagradas.

E, por fim, na nona parte do mais novo livro de José d'Assunção Barros, intitulada *Hipóteses ad hoc e hipóteses preditivas*, o autor destaca três tipos que as hipóteses podem assumir: hipóteses *ad hoc*, hipóteses *ante-factum*, hipóteses *post-factum*. Em todos esses casos, a aplicação se relaciona mais intimamente ao formato de produção de conhecimentos das Ciências Exatas e Naturais. A primeira delas, destaca o autor, tem por objetivo proteger a hipótese principal. O formato que este tipo de hipótese assume é o de condicionar a hipótese central a outros elementos no intuito de protegê-la das limitações do conhecimento. Esse tipo de hipótese liga-se ao próximo tipo: a *ante-factum*, também chamada de preditiva. Seja por uma limitação do avanço do conhecimento ou por limitação dos instrumentos para o teste da hipótese, a elaboração desse tipo de hipótese busca viabilizar a pesquisa ainda que os meios para sua comprovação estejam limitados. O terceiro tipo, a hipótese *post-factum*, é mais comum na pesquisa histórica, pois sua característica é explicar fatos já ocorridos. Mesmo sendo mais comuns esses tipos de hipóteses nas Ciências Exatas e Naturais, o autor aponta para a possibilidade de utilização das Ciências Humanas e Sociais, evidentemente, levando em consideração a especificidade da produção de conhecimentos nesta área.

O trabalho que José d'Assunção Barros assumiu nesta obra foi reposicionar a hipótese em relação ao debate sobre “como fazer” que atravessa a Ciência em geral, e as Ciências Humanas, em particular. Para além dos modismos teórico-metodológicos identificados pelo próprio autor, mas também por outros pesquisadores (COUTINHO, 2014; SEVERINO, 2017; CHIZZOTTI, 2018), na pesquisa científica, o livro destaca a importância da elaboração de hipóteses, tanto em relação ao projeto de pesquisa, quanto à produção das Ciências. Nesse sentido, ao

conceituar, discutir, exemplificar e correlacionar a hipótese com outros elementos de um projeto investigativo e com o próprio desenvolvimento de uma pesquisa, o autor supera o modismo com argumentos que caminham entre o debate sobre a maneira de construção do conhecimento científico em geral, mas também sobre problemas particulares que mobilizam os pesquisadores.

Esta obra oportuniza, pois, uma compreensão de que a construção de uma hipótese, no âmbito de um projeto de pesquisa, vai além do constante entrar e sair de cena de elementos recomendados pelos manuais de metodologia, bem como de uma visão puramente estruturalista que enxerga a hipótese unicamente como um elemento a ser confirmado ou descartado com o decorrer da pesquisa. A principal contribuição que o autor acaba por nos oferecer consiste em repensarmos o lugar e o papel das hipóteses: tomada como elemento que põe o pesquisador em movimento, que o possibilita repensar a teoria e a metodologia e que ainda o auxilia nos processos de nortear, delimitar o objeto e interpretar a realidade, a hipótese tem, nesta obra, sua finalidade revisada e atualizada.

Do ponto de vista da explicitação de suas reflexões, chamamos atenção ainda para os exemplos que o autor traz ao longo do livro. Parecem-nos um recurso bastante apropriado e que, ao passo que confere um tom prático à obra, cumpre um papel de aproximação com o leitor, o qual, por meio da exemplificação, será capaz de repensar suas ideias, seus projetos e suas concepções de pesquisa. Apontamos, contudo, sem pesar sobre a qualidade do livro e sua importância no cenário acadêmico nacional, a necessidade de aprofundar o debate acerca das especificidades da pesquisa nas Ciências Humanas, as quais correm o risco de soarem um tanto superficiais pelo fato de serem rapidamente abordadas ao longo do livro.

Acreditamos que a obra em questão traz à tona questionamentos e discussões que, por vezes, são menosprezadas no cotidiano da formação de novos pesquisadores em Ciências Humanas de modo geral. E, nesse sentido, representa uma leitura fundamental para todos os investigadores, experientes ou em formação, posto que proporciona um repensar de perspectivas teóricas e metodológicas relevante para as atividades de pesquisa, mas também para as atividades de orientação de jovens pesquisadores. Ademais, ratificamos que José d'Assunção Barros, com a publicação deste livro, contribui de forma ampla para as Ciências Humanas no país e, particularmente, para o debate em torno da hipótese como elemento essencial no processo de investigação.

Referências

- BARROS, José d'Assunção. *As hipóteses nas ciências humanas: aspectos metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2018.
- COUTINHO, Clara Pereira. *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática*. 2. ed. Coimbra: Almedina, 2014.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos).
- HEY, Ana Paula. *Esboço de uma sociologia do campo acadêmico: a educação superior no Brasil*. São Carlos: EDUFSCar, 2008.
- MEUCCI, Arthur. *O papel do habitus na teoria do conhecimento: entre Aristóteles, Descartes, Hume, Kant e Bourdieu*. 2009. 130f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MIALARET, Gaston. *Ciências da educação*. Lisboa: Moraes Editores, 1980.
- RUSSELL, Bertrand. *Os problemas da filosofia*. Tradução de Desidério Murcho. Coimbra: Almedina, 2008.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

Declaração de Co-Autoria (excertos): “Nós, Camila Ferreira da Silva e Rodrigo de Macedo Lopes, (...) declaramos que (...) ambos se dedicaram à produção e revisão escrita e desenvolvimento da discussão sobre a obra objeto da resenha e, de modo mais específico, a autora participou mais efetivamente da construção da segunda parte do texto e da submissão ao periódico, enquanto o coautor atuou mais detidamente na revisão de literatura e, conseqüentemente, na construção da parte inicial do texto.”